

## editorial



**Figura:** Residência A23, perspectiva. Autoria de Fernando Ferreira de Pinho. Fonte: Arquivo pessoal da Família Pinho - Mostra Trajetórias.

Frank Lloyd Wright, ninguém duvida, foi um dos mestres da Arquitetura Moderna. Porém, entre nós, ainda reina uma estranha incompreensão, ou talvez uma atitude de distanciamento, perante seu trabalho. Durante muito tempo, vimos nele, não o arquiteto que se valeu dos embates culturais do final do século XIX e início do XX para se libertar dos paradigmas classicistas e beaux-arts europeus e buscar novas fontes de elaboração, mas antes um arquiteto norte-americano, e do qual, portanto, deveríamos desconfiar. Certamente, a trajetória de Vilanova Artigas, rompendo com a influência wrigthiana e adotando as concepções corbusianas (que em meados dos anos 1940 delineavam a Arquitetura Moderna Brasileira), bem como os seus comentários sobre os motivos que o levaram a esta transição e sobre a natureza da obra de Wright, contribuíram de forma decisiva para esta incompreensão. O texto de Paulo Yassuhide Fujioka, "Natureza, Arqueologia e Medievalismo: Influência Romântica na Obra de Frank Lloyd Wright", parte e derivação de um estudo maior que realiza, lança uma nova luz sobre o arquiteto ao reposicionar alguns aspectos fundamentais de sua produção (mostrando assim o cuidado necessário à boa pesquisa historiográfica). Relacionando a obra de Wright ao pensamento de Thoreau, alinha-os a partir do comentário que Hilberseimer faz do último, como tendo sido "o primeiro pensador a descobrir a 'beleza natural' das construções simples do povo, que construíam de forma franca e honesta apenas para atender suas necessidades, expressando assim uma 'verdade essencial,' fruto de uma abordagem direta dos construtores e sua preocupação com o artefato como um todo e não apenas com sua aparência". Se muitas vezes na Europa a busca do

essencial acarretou o culto ao medievalismo, ela também proporcionou um olhar renovado ao primitivo, o qual, paradoxalmente, nos é muito próximo. Para ficarmos em um exemplo bem conhecido: os comentários de Lúcio Costa sobre a casa do colono, presentes no texto “Documentação Necessária”, trazem embutida a herança deste olhar. Embora o artigo de Paulo Fujioka não se debruce sobre essas relações, para o leitor interessado as indicações estão presentes, solicitando uma atenção aprofundada.

Neste número 6 da Revista Risco, além do texto acima comentado, a seção Ensaio e Artigos, mantendo o seu perfil pautado pela variedade de temas, publica cinco outros trabalhos. Eliane Lordello e Norma Lacerda, em seu artigo “Os Monumentos e sua reprodutibilidade: mídias e valores”, analisam o monumento e sua reprodutibilidade, mediante a difusão de registros fotográficos, potencializada pelos novos suportes digitais e os reflexos dessa produção na percepção dos próprios monumentos.

Em “Espaços Livres Condominiais”, Solange de Aragão desenvolve uma reflexão sobre condomínios de edifícios residenciais paulistanos e a relação que estes estabelecem com a cidade, registrando uma guinada nesta relação a partir dos anos 1980, marcada pela segregação espacial.

Tendo como fundo a apropriação da cidade pelos cidadãos no atual quadro das ações do Ministério das Cidades, Ítalo Stephan e Luiz Fernando Reis, no artigo “Revisão do Plano Diretor de Viçosa: Participação popular e auto-aplicabilidade”, discutem os ganhos introduzidos no texto do Plano da cidade, principalmente aqueles relacionados à garantia da participação popular e à inclusão de dispositivos auto-aplicáveis, e independentes de regulamentações posteriores.

Em “Os rastros do trapeiro: memória, vulnerabilidade social e a cidade na experiência de moradores de rua no bairro do Brás em São Paulo”, Verônica Sales Pereira, dando voz àqueles que sempre aparecem à margem de qualquer participação social na cidade, discute a forma como a memória individual e coletiva é simultaneamente construída e destruída. Nas experiências limítrofes de vida dos moradores de rua no bairro do Brás, na cidade de São Paulo, a autora revela a quase ausência da memória e, ao mesmo tempo, examina seus rastros e a fragilidade urbana que conforma.

A Arquitetura Moderna no Brasil teve uma produção vasta. Entretanto, por vários motivos nos fixamos em alguns poucos arquitetos. Nos últimos anos, além de conhecermos uma revisão historiográfica que redefiniu várias questões acerca do modernismo, temos sido informados, principalmente através de trabalhos acadêmicos, sobre inúmeros arquitetos que realizaram obras vigorosas e contribuíram, no mínimo, para a difusão da arquitetura moderna. Se essas pesquisas ampliam o gradiente moderno brasileiro, revelam também o distanciamento com a própria produção local que perdurou durante muito tempo e que, em certo sentido, ainda perdura. O texto de Rafael Giacomo, “Arquitetura Moderna em Bauru: a obra do arquiteto Fernando Ferrreira Pinto”, insere-se entre esses trabalhos. Formado em Portugal e radicado no Brasil entre os anos 1950 e 1980, Ferrreira Pinto realizou, principalmente na cidade de Bauru, uma obra que procurava estabelecer um diálogo particular entre cultura local e cultura universal. Novamente aqui, é a concepção moderna de olhar o mundo cultural de forma inovadora, refutando paradigmas estabelecidos, que permite a um europeu interpretar uma região interiorana como apropriada à realização de uma obra, em sintonia com aquela de arquitetos e artistas estabelecidos nos grandes centros do país.

Na secção Transcrição, dando seqüência à divulgação iniciada no número anterior, publicamos "A Visual ABC", de Ian Nair, texto de introdução a edição especial da revista Architectural Review: "Counter Attack Against Subtopia". Lorenza Pavezzi, tradutora do texto, analisa no artigo "Contra-ataque a Subtopia, Ian Nair e os caminhos do urbanismo inglês" o lugar que as concepções de Nair ocuparam no quadro do debate urbanístico inglês daquela época, discutindo tanto as referências às cidades-jardins, como as críticas que estas sofriam e que ainda são pouco conhecidas aqui no Brasil.

Em "Da Geometria e da Arte da Palavra", Luis Espallargas Gimenez resenha o livro de Mário Henrique D'Agostinho, "Geometrias simbólicas da arquitetura: espaço e ordem visual do Renascimento às Luzes", discutindo as múltiplas possibilidades de interpretação do termo, enunciado no título, "geometrias simbólicas".

Na seção "Pesquisa em Pauta", apresentamos a proposta de continuidade do Simpósio Latino-americano de Cultura e Cidade - SILACC 2008, que com o tema "Cidade e Cultura: reflexões e projetualidade hoje" deverá ter lugar este ano em Santa Fé, na Argentina.

Por fim, na seção "Janela", reproduzimos um dos projetos apresentados no primeiro SILACC, realizado em São Carlos. Trata-se de proposta apresentada pelo Grupo NO\_DO'S ao Concurso Internacional de Idéias para a Plaza de la Encarnación, Sevilha, Espanha, que buscou renovar a reflexão projetual para ambientes urbanos consolidados.

Agradecemos à colaboração de todos aqueles que enviaram artigos, dos pareceristas, professores, técnicos e colaboradores em geral que permitiram com o seu trabalho a realização deste número 6 da *Risco*, reafirmando o compromisso com o debate de idéias, fundamental para a renovação constante do conhecimento.